

O Almirante Tamandaré através da *Revista Marítima Brasileira*: a construção da memória de uma instituição da Marinha do Brasil (1897-1950)

Paulo André Leira Parente

Mestre e Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor de Metodologia e Teoria da História na Universidade Gama Filho, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Mestrado em História Militar Brasileira do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil / UNIRIO e no Mestrado em História das Instituições da UNIRIO. Orientador de diversos trabalhos de graduação e pós-graduação em História e Memória das Instituições Militares Brasileiras.

RESUMO

Nosso artigo demonstra o processo de construção da memória do Almirante Tamandaré como instituição da Marinha do Brasil através da *Revista Marítima Brasileira*, entre 1897 e 1950. Neste período, que abrange desde seu passamento até a institucionalização de sua memória, identificamos três fases distintas: primeiro, no momento imediato de seu falecimento, em 1897, quando foi aclamado como herói; em um segundo momento, entre 1897 e 1932, quando foi esquecido pelos editores da revista; em um terceiro momento, quando através de um combate em prol de sua memória tornou-se um herói da história nacional e instituição da Marinha do Brasil.

PALAVRAS-CHAVES: MEMÓRIA E INSTITUIÇÃO – TAMANDARÉ – REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA

ABSTRACT

*This article shows the memory construction process of Admiral Tamandaré as an institution of the Brazilian Navy by way of the magazine *Revista Marítima Brasileira*, between the years 1897 and 1950. In this period, which ranges from the moment of his passing up until the institutionalization of his memory, we have identified three distinct phases: first, the moment immediately surrounding his passing, in 1897, when he was pronounced a hero; then, a second phase ranging from 1897 to 1932, wherein he was all but forgotten by the editors of the magazine; and finally, a third phase wherein, by way of a fight to revive his memory, he became a hero of Brazilian history and an institution in the Brazilian Navy.*

KEY-WORDS: MEMORY AND INSTITUTION – TAMANDARÉ – REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA

Neste ano de 2007, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, a Academia e a Armada reúnem-se para comemorar o Bicentário de Nascimento de Joaquim Marques Lisboa, o Almirante Tamandaré, Patrono da Marinha do Brasil e monumento da história pátria. Conforme o historiador Jacques LeGoff definiu, o monumento "... é um sinal do passado ... é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação ..."¹

¹ LEGOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, 535.

Paulo André Leira Parente

Em sua etimologia latina a palavra *monumento* remete ao verbo latino *monere* que significa *fazer recordar, avisar, iluminar e instruir*. Portanto, o *monumento* é tudo aquilo que evoca o passado e perpetua sua recordação através de outras gerações no tempo da História ou da memória. Recordar através de um monumento significa para uma geração do tempo presente instruir-se sobre um passado comum que contribuiu para a formação de sua identidade coletiva. Também ilumina sua consciência ao formar o sentimento de pertencer a um grupo social, a um povo, a uma nação ou a uma pátria.²

Os monumentos são obras comemorativas construídas ao longo da História através de lembranças e memórias que mantêm viva a recordação de um passado que é significativo a um grupo e lhe fornece coesão na medida em que cria, nesse grupo, a consciência de pertencer a um passado e a um destino comum. Comemorar é compartilhar da memória. A narrativa histórica não é a única forma de expressão da consciência do passado. Conforme identificou o historiador Marc Ferro: “O conhecimento do passado constitui apenas um dos aspectos da História; há outros que se exprimem com a mesma vivacidade, mas que durante muito tempo os profissionais não reivindicaram, nem reconheceram como pertencentes a seu campo. É o caso das comemorações e das festas que, desde a tradição dos gregos, os historiadores ignoravam – e que a historiografia atual levou em conta.”³

A memória coletiva atuou na construção da identidade através da institucionalização social da memória do Almirante Tamandaré. Sua busca e esforço na recuperação do passado fortaleceram uma *cultura histórica* expressa nos artigos, registros, apologias e memórias publicadas na *Revista Marítima Brasileira*. Tais registros estavam comprome-

tidos com a formação de uma identidade coletiva interna da Marinha do Brasil e frente a outros grupos e instituições.

O Almirante Tamandaré em sua dimensão como Patrono da Marinha do Brasil e monumento da história pátria tornou-se um eixo referencial de uma tradição militar que agregou valores ao grupo que o elevou a esta condição de monumento. Dentre as diversas estratégias da memória e instrumentos utilizados por grupos variados na construção do vulto de Tamandaré, identificamos a atuação da *Revista Marítima Brasileira*.

Ao longo de sua existência em publicações ininterruptas, desde o final do século XIX, a *Revista Marítima Brasileira* atuou como um destacado e dinâmico veículo de informação geral e formação intelectual da sociedade militar que influenciou a Marinha do Brasil, principalmente de seus oficiais. Entre 1897 e 1950, a *Revista Marítima Brasileira* atuou de forma decisiva em prol da memória do Almirante Tamandaré. Neste intervalo de tempo, identificamos em suas publicações um primeiro período de intensa manifestação e apego à lembrança do Almirante Tamandaré, no ano de seu passamento em 1897.

Um segundo longo período de contra-história, que se caracteriza por um silêncio quase absoluto sobre sua memória, correspondendo a grande parte da República Velha, entre os anos imediatos de seu passamento e o ano de 1932. Ao longo deste tempo, a não-lembrança foi rompida timidamente em 1908, com uma curta menção ao centenário de nascimento de Tamandaré e, em 1923, com uma homenagem prestada por uma missão naval norte-americana em seu monumento na Avenida Beira-Mar.⁴

Verificamos ainda um terceiro período de intensa atividade e defesa da memória do Almirante Tamandaré, entre 1932 e 1950.

² FLORESCANO, Enrique. A Função Social do Historiador. In: *Tempo*. Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, nº 4, Volume 2, p. 66.

³ FERRO, Marc. *A História vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 54.

⁴ “A memória difusa pode alimentar-se também de *silêncios*, daqueles vazios que se perpetuam através do tempo. Estes podem ajudar a compreender certos comportamentos, certas atitudes sociais.” *Ibidem*, p. 61.

Neste intervalo surgiu uma complexa produção de artigos e notícias comprometidas com a valorização de sua lembrança e da elevação de sua figura como instituição da Marinha do Brasil e como um dos mais importantes protagonistas da história pátria.

Neste período, a direção de redação da *Revista Marítima Brasileira* esteve sob a responsabilidade do Capitão-de-Fragata da reserva Dídio Afonso da Costa, estuioso da História Marítima Brasileira, primeiro chefe da Divisão de História Marítima, criada em 1938, e mais tarde, em 1943, transformada no Serviço de Documentação da Marinha, no qual atuou como seu primeiro diretor. Sua atuação como diretor de redação da *Revista Marítima Brasileira* resgatou a figura do Almirante Tamandaré do esquecimento ao qual havia sido relegado pela revista durante o primeiro período da história republicana brasileira.

A memória social em suas relações com a História pode implantar uma visão homogênea ou de conflito no resgate do passado. A memória pode esquecer fatos e características de um acontecimento ou qualidades de um personagem histórico. Por outro lado, conforme identificou Arno Wehling, "a memória pode ser um instrumento de combate para afirmar a própria identidade minoritária, muitas vezes ante outras comunidades da mesma sociedade."⁵

Assim, a identidade ou a legitimidade de um grupo pode ser alcançada através da simplificação do passado em um eixo em torno do qual se organizam as estratégias da memória, dentre as quais destacamos: a identificação e valorização de um evento fundador; a escolha de um vulto emblemático e as qualidades que representa; a construção de monumentos ou memoriais; a determinação de "lugares da memória"; a apresentação de símbolos; a organização de exposições, festas públicas e comemorações.

No período por nós demarcado, ou seja, entre 1897 e 1950, a construção e o resgate

da memória do Almirante Tamandaré correspondeu a uma ética da convicção e a combates apresentados ao longo de diversos artigos publicados na *Revista Marítima Brasileira*. Para o conjunto dos escritos dedicados ao Almirante Tamandaré, identificamos as seguintes qualidades da memória social:

- a) Tamandaré como um herói popular e atemporal dos brasileiros;
- b) os gestos do passado de sua vida já continham o futuro;
- c) a identidade plena entre a vida de Tamandaré e a História do Brasil;
- d) sua grandeza maior frente a outros vultos da História Naval Brasileira e mesmo frente à história pátria; e
- e) o esquecimento e o resgate de sua memória em períodos distintos.

TAMANDARÉ: O PASSAMENTO PARA A ETERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (1897)

Jacques LeGoff apontou para o fato de que entre os materiais da memória coletiva ou social que sobreviveram através dos tempos destacam-se "... os monumentos funerários destinados a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte."⁶

Assim, a trajetória de construção da memória institucional do Almirante Tamandaré começou com o seu passamento em 20 de março de 1897. A *Revista Marítima Brasileira*, através de um suplemento editado no mesmo mês de março de 1897, publicou a Necrologia do Almirante Tamandaré, sua fé de ofício, ordens do dia do Quartel-General da Marinha e da Escola Naval, manifestações diversas de pesar, notícias de seu passamento reproduzidas dos principais jornais da cidade e uma descrição de seu sepultamento.

O funeral de Tamandaré reuniu uma aglomeração popular em torno de sua casa, na

⁵ WEHLING, Arno. Memória e História. Fundamentos, convergências e conflitos. In: *Memória Social e Documento: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Mestrado em Memória Social e Documento, 1997, p. 17.

⁶ LEGOFF, op. cit., p. 535.

Paulo André Leira Parente

freguesia da Gávea. Os cuidados fúnebres foram conduzidos pelo pároco da Freguesia. Seu corpo foi retirado de casa e transportado para o carro fúnebre por seis marinheiros, conforme uma última vontade expressa em seu testamento. Sobre o caixão foi depositada a âncora com a qual os alunos da Escola Naval lhe presentearam, em uma homenagem em sua casa quando Tamandaré completou 85 anos, em 1892, e, também, a bandeira imperial do Brasil. Identificamos um grande aglomerado popular, aspirantes da marinha, guardas-marinha, oficiais, professores, magistrados e diversas autoridades civis, dentre as quais o Governador Paes de Carvalho. O cortejo fúnebre foi acompanhado por uma multidão até o seu final, no Cemitério São Francisco Xavier.

A reação da *Revista Marítima Brasileira* expressou a dimensão de uma catástrofe nacional. Os redatores da notícia, o Capitão-Tenente Affonso Henrique Viera e o Primeiro-Tenente Reformado Leão Amzalak, escreveram: “O destino severo decidiu que o mês de março corrente fosse de contínuo luto para as armas de terra e mar da República. Ao desastre de Canudos seguiu-se o passamento, no dia 20 às 16:00 horas da tarde, do Ilustre Almirante Marquês de Tamandaré, o decano da Marinha brasileira.”⁷

O texto do suplemento destacava seus maiores feitos: seu arrojado comando do *D. Afonso*, quando liderou o salvamento dos naufragos da Galera *Ocean Monarch*, em 24 de agosto de 1848, na Inglaterra. Mencionava, também, o socorro prestado à Nau portuguesa *Vasco da Gama*, desarvorada debaixo de um temporal na barra do Rio de Janeiro, entre 5 e 6 de maio de 1849. Apontava ainda Tamandaré como veterano das campanhas marítimas da Independência e da Cisplatina e comandante-em-chefe na primeira fase da Guerra da Tríplice Aliança. Os redatores, ao final da notícia, aclamavam Tamandaré como “Herói na tomada de Payssandú.”⁸

A reação da Armada foi registrada no mesmo suplemento. A ordem do dia do Quartel-General da Marinha, assinada pelo Almirante Júlio César de Noronha, Chefe do Estado-Maior General, pedia oito dias de luto como testemunho do pesar na Armada. A ordem do dia do Diretor da Escola Naval, Contra-Almirante Dionysio Manhães Barreto, também destacava sua atuação nos episódios de salvamento da *Vasco da Gama* e do *Ocean Monarch*, quando seu gesto de bravura foi reconhecido pelo governo inglês, com a entrega do cronômetro de ouro.⁹

Os jornais do Rio de Janeiro publicaram amplas matérias, necrológios e biografias, nas quais eram apresentados os feitos do Almirante Tamandaré. Ao longo da semana seguinte ao seu passamento, Tamandaré permaneceu presente na imprensa carioca. De sua biografia destacaram-se preferencialmente: a entrada precoce na vida ligada ao mar, sua participação nas lutas em prol da Independência, seus feitos de salvamento e o reconhecimento recebido por parte do governo inglês.

A vitória alcançada sobre a natureza em luta constante contra os perigos do mar, expressos nos gestos de coragem que empreendeu para salvar o *Ocean Monarch* e a *Vasco da Gama* foram um tema recorrente. Assim, o *Jornal do Commercio*, em edição de 21 de março de 1897, o saudava como “... um marinheiro ilustre, cujo nome havia sido aureolado pela glória no Atlântico, no Mediterrâneo e no Pacífico, cuja bravura tinha sido testemunhada pela Europa e pela América ... Na viagem da Fragata *Niterói*, sob o comando de John Taylor, perseguindo um inimigo 20 vezes superior até à embocadura do Tejo, lutando ora com os elementos, ora com a escassez de víveres e de aguada, até deixar nas costas da Europa o adversário que fugia ... desfraldando pela primeira vez nos mares da Europa, a bandeira do Brasil.”¹⁰

⁷ *Revista Marítima Brasileira*, 1897, Suplemento, p. 136 B.

⁸ *Ibidem*, p. 136 B.

⁹ *Ibidem*, p. 136 B.

¹⁰ *Ibidem*, p. 15 e 16.

Navegador 6 O Almirante Tamandaré através da *Revista Marítima Brasileira*

Através da redução do presente ao passado, a memória instituiu o fato fundador do primeiro combate marítimo travado pela Marinha do Brasil em águas estrangeiras. Por outro lado, os jornais não mencionaram sua atuação e comando na Guerra da Tríplice Aliança.

A apresentação de sua longa vida dedicada à Marinha confundia-se com a própria História do Brasil. Sua vida de marinheiro, patriota e dedicado expressava-se na trajetória do Império. Esta, por sua vez, poderia ser narrada através de sua biografia. O homem e a História se confundiam. O *Jornal do Commercio* destacou: "A fé de ofício do Almirante Tamandaré é a história da nossa Marinha durante os dois primeiros reinados."¹¹

O *Jornal do Commercio* apresentou ainda a oração proferida à beira do túmulo pelo Almirante Inácio Joaquim da Fonseca, que já o caracterizava como herói: "Tamandaré, dominador dos mares, modelo do perfeito militar, herói de várias batalhas ... excelso marinheiro que jamais empalideceu, quer nas procelosas tempestades, quer no horror da batalha."¹²

A *Gazeta de Notícias*, no dia 21 de março de 1897, resumiu sua ligação com a história pátria e também lhe concedeu o título de herói: "Com a avançada idade de 90 anos, a maior parte deles empregados em servir e honrar a Pátria, expirou ontem à tarde o glorioso Almirante Marquês de Tamandaré, relíquia da Marinha de Guerra brasileira e uma tradição no Brasil ... Sua vida foi uma profissão de feitos gloriosos, uma grinalda de vitórias, capazes de por si só ilustrar a vida de um herói."¹³

A alteridade de sua vida com a história pátria foi apresentada no jornal *O Paiz*, em 21 de março de 1897: "A sua biografia não se escreve num resumido artigo de jornal, porque, a bem dizer, ela compreende uma

bela porção da história de nossa Pátria." E ainda no jornal *Cidade do Rio*, neste mesmo dia: "... lenda de honra e de bravura da Armada brasileira ... coração de patriarca naval ... foi por isto mesmo contemporâneo e personagem notável em todos os nossos feitos marítimos, desde um ano após a nossa Independência."¹⁴

O *Jornal do Brasil*, em edição de 24 de março de 1897, dedicou-lhe um belo e incisivo elogio, fundado na alteridade entre sua vida e a história, acrescentando-lhe, também, a dimensão de herói: "Marinheiro da Independência, marinheiro do Império, marinheiro ainda na República, a sua história é a história da Marinha brasileira ... compartilhou sempre de todas as glórias que sobre os mares conquistaram as nossas armas ... Para a Pátria, porém, a morte de mais este grande filho não é um simples acidente lutuoso, é um verdadeiro acontecimento nacional. Tamandaré, para ela, acaba de ter a transladação para a posteridade, porque na história ele já vive e nossos triunfos na apoteose de todos os heroísmos e de todas as bravuras que fizeram da nossa marinhagem a primeira da América do Sul."¹⁵

A instituição de um monumento chegou logo a seguir. Em 20 de maio de 1897, o Senado Federal por iniciativa de Quintino Bocaiúva, através do Projeto nº 1.897, contratou a execução de um busto em bronze representando a efígie do Almirante Joaquim Marques Lisboa, com a legenda: "*Ao seu benemérito servidor, a Pátria agradece.*"

No momento imediato de sua passagem para a eternidade, Tamandaré foi lembrado pelo povo, por profissionais liberais, por marinheiros e oficiais. Foi também exaltado como Herói da Pátria e Patriarca da Marinha, vencedor sobre a natureza adversa do mar, cuja vida se confundia com a história

¹¹ *Ibidem*, p. 28.

¹² *Ibidem*, p. 30.

¹³ *Ibidem*, p. 49.

¹⁴ *Ibidem*, p. 75.

¹⁵ *Ibidem*, p. 57 e 58.

do Império. A cidade do Rio de Janeiro acompanhou seu cortejo fúnebre e os jornais divulgaram seus feitos e gestos de bravura.

O ESQUECIMENTO DO ALMIRANTE TAMANDARÉ NA REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (1897-1932)

Após as intensas homenagens prestadas ao Almirante Tamandaré em março de 1897, seguiu-se um longo silêncio na *Revista Marítima Brasileira*. Neste período, que se estende ao longo da República Velha e o início da era Vargas, surgiram apenas duas notícias sobre Tamandaré. A primeira, informava sobre a comemoração do centenário de seu nascimento em 1908, organizada pelo Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar. A celebração foi grandiosa e constituiu-se como o primeiro evento festivo dedicado à memória de Tamandaré apresentada na *Revista Marítima Brasileira*.

O Ministro da Marinha ordenou o desembarque dos alunos da Escola de Aprendizes-Marinheiros e de três companhias de guerra compostas, contingentes dos navios da esquadra, Corpo de Infantaria da Marinha e marinheiros nacionais. Reunidos na Avenida Beira-Mar, formaram ao lado do busto do Almirante Tamandaré. Estavam presentes o Ministro Alexandrino de Alencar, o Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Cordovil Maurity, representantes da família Marques Lisboa, comissões do Clube Naval e da Liga Marítima Brasileira, oficiais de mar e terra e uma comissão de alunos dos cursos de Marinha e Máquinas da Escola Naval.

O Ministro Alexandrino de Alencar depositou flores no busto e lembrou a "... bravura e amor dados pelo Almirante Tamandaré, cuja memória todos os brasileiros devem conservar como um penhor sagrado das glórias pátrias." O Cruzador *Tiradentes*, fundeado nas proximidades da avenida, promoveu uma salva de 19 tiros. Toda a descrição da festa comemorativa do centenário de nascimento de Ta-

mandaré ocupou menos de três páginas na *Revista Marítima Brasileira* deste ano.¹⁶

A segunda notícia apresentava em uma única página a homenagem prestada diante do monumento do Almirante Tamandaré pela Missão Naval Americana, em 1923. Comemorando o dia da Armada Norte-americana, o Contra-Almirante Carl Vogelgesang e seus oficiais depositaram uma riquíssima coroa de flores no pedestal do monumento, sendo acompanhados pela Marinha Nacional e o Clube Naval. Estavam presentes o Ministro da Marinha Alexandrino de Alencar, o Embaixador dos Estados Unidos, autoridades da Armada e do Exército, oficiais da Missão Naval Americana e o Chefe do Estado-Maior da Armada, Contra-Almirante Machado Dutra, que proferiu o discurso oficial, lembrando o Almirante Tamandaré como "... notável vulto que simboliza as tradições da Marinha Nacional."¹⁷

O RESGATE DA MEMÓRIA DO ALMIRANTE TAMANDARÉ NA REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (1932-1950)

A atuação do Capitão-de-Fragata reformado Dídio Costa em prol do resgate da memória do Almirante Tamandaré marcou as publicações da *Revista Marítima Brasileira* entre os anos de 1932 e 1950. Inclusive, sua dedicação foi anterior ao exercício da direção de redação na revista. Em 14 de setembro de 1922, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realizou o Primeiro Congresso Internacional de História da América no contexto das comemorações do Centenário da Independência. O congresso foi presidido por Gomes Pereira e contou com relatores como Moreira Guimarães e Raul Tavares.

No Primeiro Congresso Internacional de História da América, já identificamos a atuação de Dídio Costa, que apresentou uma comunicação intitulada "Memórias", na qual destacava a atuação de Barroso, Tamandaré e Inhaúma na História Marítima Brasilei-

¹⁶ *Revista Marítima Brasileira*, 1 Tomo, 1908, p. 991-993.

¹⁷ *Revista Marítima Brasileira*, Ano XLIII, 1923, p. 870.

Navigator 6 O Almirante Tamandaré através da *Revista Marítima Brasileira*

ra. Seu trabalho fundamentava-se em uma avaliação psicológica, moral e intelectual de cada um dos três grandes marinheiros. O trabalho que Dídio Costa inicialmente apresentou no Primeiro Congresso foi transcrito tardiamente para a *Revista Marítima Brasileira*, na qual surgiu apenas em 1933.

Ao se referir a Tamandaré, valorizou sua atuação no episódio da Fragata *Niterói*, quando atuou sob o comando de John Taylor: "Houve nela amor da glória ao patriotismo, superando a escassez de meios por tal forma que a empresa é qualificada por muitos como a mais importante das empresas marítimas da Independência."¹⁸

Acrescentou qualidades dramáticas ao relato do salvamento dos naufragados da *Ocean Monarch*: "... sinistro de grande repercussão, salvando o comandante brasileiro, com grande risco de sua vida, de sua gente e do seu navio, a tripulação e os passageiros da embarcação sinistrada", lembrando o reconhecimento inglês através da entrega a Tamandaré do "Cronômetro de Ouro".¹⁹

Dídio Costa rompeu o esquecimento efetivado na *Revista Marítima Brasileira* no que se referia a atuação do Almirante Tamandaré na Guerra da Tríplice Aliança, destacando sua participação nos eventos de Corrientes, Riachuelo, Cuevas, Mercedes, Uruguaiana, Passo da Pátria, Curupaiti e a Passagem de Curuzu. Acrescentou ainda um viés popular à sua figura: "Guerreiro reverenciado na capital do País, onde não raro era visto a espalhar e a receber homenagens da multidão das ruas."²⁰

Entretanto, apesar de sua simpatia por Tamandaré, neste trabalho, escrito portanto em 1922 e republicado tardiamente na *Revista Marítima Brasileira*, em 1933, ainda igualou Barroso e Inhaúma em um mesmo pata-

mar: "Tamandaré, Inhaúma e Barroso foram primazes entre inúmeros servidores de notoriedade. Na paz, construíram; na guerra, venceram. Como tudo e todos, passaram; mas, como poucos, fulgiram, legando a posteridade exemplos característicos, próprios a uma época de construção ..."²¹

Em 13 de dezembro de 1936, ocorreram as primeiras comemorações grandiosas do Dia do Marinheiro que contaram com a presença de um forte público, líderes políticos e a sociedade militar. A comemoração foi uma iniciativa do Ministro da Marinha, Almirante Henrique Aristides Guilhem. Seu objetivo era o lançamento da primeira pedra do novo monumento dedicado ao Almirante Tamandaré, a ser construído em Botafogo. A cerimônia contou com a participação de Getúlio Vargas, os ministros, altas autoridades, a Armada representada em todos os corpos e estabelecimentos navais, o Exército, as Bandas de Música e Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais e da Escola Naval, uma representação de vereadores da cidade do Rio de Janeiro, através de Átila Soares e Jorge Mattos e uma grande aglomeração popular.

Em seu discurso, o Ministro Almirante Guilhem lembrou a identificação da vida de Tamandaré com a História do Brasil e o aclamou como herói maior em diversas passagens, dentre as quais destacamos: "A Marinha de Guerra, iluminada pelo esplendor da vida do marinheiro que mais recompensas colheu pelos imensos serviços prestados à Nação, tem sentido e compreendido os exemplos desse herói que lidou armas, da Independência ao esplendor do Segundo Império ... Joaquim Marques Lisboa é uma figura de marinheiro, de grande homem, estampada nos fastos da Nação desde quando esta se libertou e formou."²²

¹⁸ *Revista Marítima Brasileira*, Ano LIII, 1933, ns. 1-2, p. 41.

¹⁹ *Ibidem*, p. 45.

²⁰ *Ibidem*, p. 52.

²¹ *Ibidem*, p. 67.

²² *Revista Marítima Brasileira*, 6^a bimestre, 1936, p. 365.

Paulo André Leira Parente

A Força Aérea Naval, sob o comando do Capitão-de-Fragata Amaral Savaget, realizou evoluções sobre a Praia de Botafogo. Desfilaram a Escola Naval, dois batalhões de marinheiros, que cantaram o dobrado *Garça Branca* e a *Canção do Fuzileiro* e um grupo de “camisas-verdes”²³ que cantaram o Hino Nacional em frente à urna que continha os restos mortais de Tamandaré.

Dídio Costa discursou no evento de colocação da primeira pedra do novo monumento. Celebrou sua construção como mais digno frente à grandeza do homenageado. Insistiu na alteridade entre a vida de Tamandaré e a História e por diversas vezes também o chamou de herói: “O perfil histórico do grande guerreiro, resumindo a Marinha Nacional, saída logo do berço para as lutas, confunde-se com essa instituição que ele viu nascer ... A fama do herói pairava em toda a parte, em torno do nosso pavilhão, a palpitar nos cruzeiros e nas travessias oceânicas”²³

A notícia do lançamento da primeira pedra do novo monumento foi acompanhada da transcrição do discurso proferido por Dídio Costa e do primeiro esboço biográfico sobre Tamandaré. O esboço continha de forma detalhada e clara todos os períodos de sua vida tendo sido o primeiro publicado na *Revista Marítima Brasileira*.

A partir do ano de 1936, a revista identificou o Almirante Tamandaré conforme as características plenas da memória social que apontamos ao início: a condição de herói, a alteridade entre sua vida e a história, os gestos realizados no passado contendo o futuro e sua grandeza maior frente aos demais vultos da História Naval Brasileira. Este período da publicação é um ponto de inflexão na construção social da memória de Tamandaré, a partir do qual a *Revista Marítima Brasileira* empreendeu um combate em prol de sua memória.

São publicadas diversas apologias, memórias, descrições biográficas e anedotas. Dentre as quais destacamos o “Ensaio Psicológico”, de Mariano de Azevedo, que apresentou Tamandaré através da alteridade com a História: “Nasceu na Marinha de Guerra brasileira, quando a Marinha de Guerra brasileira nascia ... Subiu a todos os postos, um a um, como um a um subiu a todos os graus da nobreza ... Obedeceu a dois grandes Impérios, o de D. Pedro I e o de D. Pedro II, assistiu e ajudou a içar-se no mastro da Niterói, na Independência, a primeira Bandeira Brasileira.”²⁴

Foi comparado a Nelson, Barroso, Inhaúma e Marcílio Dias, tornando-se maior do que estes em virtude de sua identidade pátria: “Tamandaré teve dois companheiros de armas e de bravura, Barroso e Inhaúma, sendo dos três o único brasileiro ...” e, conforme a sentença de Cochrane ao Imperador: “Majestade, aquele senhor será o Nelson brasileiro.”²⁵

Em uma oração transmitida pela Rádio Ipanema do Rio de Janeiro, no mesmo 13 de dezembro de 1936, proferida por Marcos de Alencastro Graça, repetem-se tais características, de forma quase literal: “Dentre os nossos chefes de Marinha, o mais notável homem de mar fora, sem dúvida, Joaquim Marques Lisboa, o primeiro almirante genuinamente brasileiro ... O nosso Nelson brasileiro.”²⁶

Na conferência intitulada “Tamandaré e Marcílio Dias”, proferida pelo Capitão-de-Fragata Oliveira Belo, em 13 de dezembro de 1940, no Círculo dos Oficiais Reformados, Tamandaré vence as comparações frente aos demais vultos da Marinha do Brasil e do continente americano. Conforme Oliveira Belo afirmou: “Tamandaré foi o maior almirante brasileiro e o único, no seu gênero, que procedeu da jaqueta aos bordados, em todo o continente, até hoje.”²⁷

²³N.R. Partidários do integralismo, movimento político brasileiro de extrema-direita baseado nos moldes fascistas, fundado em 1932.

²³ *Revista Marítima Brasileira*, Ano LVI, 1936, ns. 5-6, p. 335 e 336.

²⁴ *Revista Marítima Brasileira*, 2º bimestre, 1936, p. 1116 e 1117.

²⁵ *Ibidem*, p. 1117.

²⁶ *Revista Marítima Brasileira*, 1º bimestre, 1937, p. 774.

²⁷ *Revista Marítima Brasileira*, 1º bimestre, 1940, p. 818.

Não superou Nelson como herói em virtude das limitações de suas ações no mar "... desenvolverem-se sempre em limitados setores, quer na águas nacionais, quer nas internacionais, contra inimigos de confuso valor bélico, que se batiam por interesses pouco patrióticos." E conclui comparando-o com uma certa vantagem sobre Caxias: "Caxias, procedente de várias estirpes, neto, bisneto, filho e sobrinho de militares de valor, teve a grande sorte de ser proclamado cadete aos cinco anos de idade, porém Tamandaré logrou ventura maior ..."²⁸

Tais comparações prosseguiram e apresentavam o mesmo padrão: em 23 de dezembro de 1942, no jornal *A Notícia*, "Tamandaré será sempre nosso exemplo e nosso guia"²⁹; "Tamandaré, Inhaúma e Amazonas", em artigo na mesma *Revista Marítima Brasileira*³⁰; no *Jornal do Brasil*, em texto de autoria de Carlos Garrido, intitulado "Tamandaré".³¹

Em 1941, a *Revista Marítima Brasileira*, em um artigo assinado por Gastão Penalva, intitulado "Barroso ou Tamandaré", entrou no debate sobre as homenagens que seriam prestadas aos altos vultos e sacerdócios pátrios na reforma do papel-moeda que levaria as estampas e homenagens impressas no dinheiro. Foram definidas as seguintes representações: o Estado Novo, Getúlio Vargas; a imprensa, Quintino Bocayuva; a Viação e Obras Públicas, Lauro Muller; a Ciência, Osvaldo Cruz; a Jurisprudência, Rui Barbosa; o Exército, Caxias; a Marinha, Almirante Barroso.

Gastão Penalva empreendeu um forte combate em defesa de Tamandaré, listando em seu artigo diversos argumentos contrários a escolha do Almirante Barroso, dentre os quais des-

tacamos: "Antes de tudo não era brasileiro ... Venceu, de fato, Riachuelo. Mas Riachuelo é um conjunto de bravuras que compõem a própria bravura ... Recolheu-se a Montevideu, onde constituiu uma família opulenta que viveu em fausto e distinção no recesso heráldico de um palácio encantado."³²

A favor de Tamandaré em sua comparação constava um forte reducionismo histórico: "Foi este o grande timoneiro de um século ... e de uma feita, ambos muito jovens, salva o próprio Barroso, prestes a perecer no abismo inexprimível das correntezas amazônicas. Ora, tendo salvado Barroso, Tamandaré salvou Riachuelo, salvou esse combate singular que, na opinião insuspeita de Osório, decidiu os destinos da guerra."³³

Dídio Costa foi o autor do primeiro trabalho com características científicas da História publicado na *Revista Marítima Brasileira*. Intitulado "O berço de Tamandaré", seu artigo busca resolver o problema do local de nascimento de Joaquim Marques Lisboa. Com farta documentação original e postura crítica, concluiu por Vila do Rio Grande, na Província do Rio Grande de São Pedro do Sul.³⁴

Oliveira Belo escreveu ainda um artigo com características históricas intitulado "Tamandaré e as expedições à Patagônia", publicado na *Revista Marítima Brasileira*, em 11 de junho de 1943. Destacou a precocidade de Tamandaré em seu contato com o mar e acompanhou sua biografia até o ano de 1827, quando participou da expedição à Patagônia. A valorização dos gestos de bravura desse período levam-no a identificar o futuro no passado, pois viu nesse período de sua vida: "O reconhecimento de um herói oculto pela idade."³⁵

²⁸ Ibidem, p. 818.

²⁹ *Revista Marítima Brasileira*, 6º bimestre, 1942, p. 739.

³⁰ Ibidem, p. 739.

³¹ *Revista Marítima Brasileira*, 4º trimestre, 1943, p. 428.

³² *Revista Marítima Brasileira*, 5º bimestre, 1941, p. 3345.

³³ Ibidem, p. 3346.

³⁴ *Revista Marítima Brasileira*, 4º trimestre, 1944, ns. 4, 5 e 6, p. 285.

³⁵ *Revista Marítima Brasileira*, 1º trimestre, 1945, p. 812.

Paulo André Leira Parente

A Segunda homenagem estrangeira recebida junto ao monumento de Tamandaré, em Botafogo, partiu do Navio-Escola *La Argentina*, da Marinha argentina, em 27 de outubro de 1948. Foram cantados os hinos nacionais com a presença de bandas de música do Corpo de Fuzileiros Navais e do *La Argentina*, desfile de tropas e a visita de Getúlio Vargas ao navio-escola.³⁶

Por fim, o reconhecimento pleno de Tamandaré no período que demarcamos não passou despercebido na *Revista Marítima Brasileira* e foi simbolicamente apresentado aos seus leitores. Com um estilo direto e objetivo, noticiou uma rápida cerimônia ocorrida no Gabinete do Ministro da Marinha Sílvio de Noronha, com a participação do chefe do Estado-Maior da Armada, o comandante do 1^a Distrito Naval, os diretores de Ensino e Pessoal, o diretor do Serviço de Documentação da Marinha, o chefe de gabinete do ministro e seus demais oficiais. Nesta cerimônia, o quadro a óleo pintado por Manuel Pastana representando o episódio do *Ocean Monarch* foi alçado e afixado no gabinete ministerial.³⁷

No ano seguinte, a concepção de Tamandaré como monumento institucional da Ma-

rinha do Brasil era acrescida em seu valor com o surgimento da primeira *monumenta* (coleção) relativa ao seu Patrono. Através de Ato de 5 de agosto de 1948, o Ministro Sílvio de Noronha formou uma comissão presidida por Dídio Costa, encarregada de receber a doação de várias relíquias de Tamandaré feita por Leon Victor Louis Robichez, viúvo de Luzia Marques Lisboa Robichez, antiga proprietária dos objetos.³⁸

O *monumento* transformara-se em *monumenta*. A memória de Tamandaré tornara-se institucional e sobreviveria em outras gerações. Compartilhar a memória e celebrar mantém vivo o objeto de nossas lembranças através do tempo. Aqueles que não recordamos perecem e aquilo que não lembramos desaparece. De uma notícia dada em um jornal sobre o passamento de Tamandaré até o gesto de afixar um quadro na parede de um ministro, travou-se um combate em prol de sua memória que, justamente por isso, mantém o Patrono da Marinha do Brasil vivo nas nossas lembranças e nas futuras gerações. Em verdade, o Almirante Tamandaré sobrevive através das comemorações, celebrações, monumentos e lugares da memória que lhe dedicamos.

³⁶ *Revista Marítima Brasileira*, 4^a trimestre, 1948, ps. 502 e 503.

³⁷ *Revista Marítima Brasileira*, 3^a trimestre, 1947, p. 263.

³⁸ *Revista Marítima Brasileira*, 1^a trimestre, 1949, p. 757.